



Revista Tópicos Educacionais

ISSN: 2448-0215

Centro de Educação - CE - Universidade Federal de
Pernambuco - UFPE

Abreu, Arlete Aparecida; Peres, Miguel Rivera; Fernandes, Cássia do Carmo Pires
**ESTILOS DE APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORA:
O CASO DO CURSO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO**

Revista Tópicos Educacionais, vol. 26, núm. 2, 2020, Julho-Dezembro, pp. 122-147
Centro de Educação - CE - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2020.248320>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672770904007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Revista Tópicos Educacionais

ISSN: 2448-0215 (VERSAO ON-LINE)

ESTILOS DE APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORA: O CASO DO CURSO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO

**LEARNING STYLES AND ENTREPRENEURSHIP INTENTION: THE
TECHNIC BUSINESS COURSE CASE**

Arlete Aparecida Abreu¹
Miguel Rivera Peres Júnior²
Cássia do Carmo Pires Fernandes³

Resumo: O objetivo desta pesquisa é identificar se há correlação entre o estilo de aprendizagem, baseado no modelo de Felder; Silverman (1988) e a intenção em empreender, baseada no modelo de Liñan e Chen (2009). O objeto foram 36 alunos da disciplina de Empreendedorismo do curso técnico em Administração do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Formiga. Em relação à intenção empreendedora, destaca-se o papel das variáveis relacionadas à percepção e atitudes pessoais sobre o tema. É importante afirmar que não há correlação estatística significativa entre o estilo de aprendizagem e a intenção empreendedora; no entanto, é preciso atenção aos estilos de aprendizagem, adotando metodologias adequadas a características dos alunos, com o objetivo de fortalecer a intenção empreendedora.

Palavras-chave: Intenção Empreendedora; Estilos de Aprendizagem; Curso técnico em Administração.

Abstract: The aim of this research is to identify if there is a correlation between the learning styles, based on the Felder and Silverman model (1988) and the intention to become an entrepreneur, based on of Liñan and Chen model (2009). The object was 36 students of the Entrepreneurship discipline of the Business technical course of the Federal Institute of Minas Gerais - Campus Formiga. Regarding the entrepreneurial intention, the role of variables related to personal perception and attitudes on the topic is highlighted. It is important to state that there is no significant statistical correlation between the

¹Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Formiga.

²Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Formiga.

³Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ponte Nova.

learning style and the entrepreneurial intention; however, it is necessary to pay attention to learning styles, adopting methodologies appropriate to the characteristics of the students, in order to strengthen entrepreneurial intention.

Keywords: Entrepreneurial Intention; Learning Styles; Business Technical course.

1. Introdução

A quantidade de estilos de aprendizagem e suas formas de mensuração têm sido debatidas há tempos (TALLMADGE; SHEARER, 1969). Os estilos de aprendizagem representam alguns dos elementos centrais para o planejamento docente eficiente. Segundo Cerqueira (2006, p. 30) para o alcance desta eficiência “faz-se necessário compreendermos que é essencial conhecermos como acontece a aprendizagem, ou seja, como se dá o desenvolvimento humano e como deveria ser o processo educativo”.

O estilo de aprendizagem pode ser explicado como uma forma de compreender a relação do processo de aprender e a construção do conhecimento de fato. Nesse processo, diversos fatores precisam ser levados em consideração: a própria personalidade do aluno, estímulos sociais, culturais, valores, motivações e muitos outros. Neste ponto é preciso que o docente tenha atenção, uma vez que ele deve compreender o processo de reconhecimento do outro e usar as informações a seu favor. Tanto os estilos de aprendizagem quanto a interação professor-aluno precisam ser avaliadas criticamente (GANTT, 1972). Além disso, o estilo de aprendizagem está associado à motivação em aprender (GHAEDI; JAM, 2014).

O papel do docente não se limita apenas ao ensino e ao estímulo ao aprendizado, mas também na construção de um indivíduo seguro de si e que tenha preparo para assumir riscos. Empiricamente, um dos fatores que tem sido estudado como influenciador da intenção empreendedora é a educação (formal ou não). Basicamente, o que esses estudos têm tentado responder é se uma formação voltada à discussão e prática de questões relacionadas à atividade empreendedora impactam na disposição dos indivíduos em empreender (RAUCH & HULSINK, 2015; LIÑÁN, URBANO, & GUERRERO, 2011; BAE, QIAN, MIAO, & FIET, 2014; PIPEROPOULOS & DIMOV, 2015; BULI & YESUF, 2015; COSTA & MARES, 2016).

O presente estudo se insere nessa temática tentando introduzir uma dimensão ainda não estudada que, acredita-se, pode influenciar o impacto que a formação

em empreendedorismo, que considera os estilos de aprendizagem, tem sobre a intenção empreendedora de estudantes. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é identificar a relação entre o Estilo de Aprendizagem, especialmente o Inventário de Felder; Silverman (1988) e os pressupostos da Intenção Empreendedora - modelo de Liñán & Chen (2009).

Referencial Teórico

2.1 Estilos de Aprendizagem: o modelo de Felder e Silverman (1988)

Teorias diversas foram delimitadas com o intuito de explicar os estilos de aprendizagem (SCHNITMAN, 2010), gerando vários modelos que pudessem auxiliar na compreensão deste processo. Felder; Silverman (1988), baseando-se nos tipos psicológicos de Jung (1991) e nos instrumentos de Myers-Briggs (KURI, 2004), são autores que representam esforços na tentativa de compreender e classificar o assunto.

Carl Jung foi um psicólogo responsável pela criação de uma série de tipos psicológicos que, mais tarde, seriam amplamente utilizados para o avanço de diversas teorias. Tipos psicológicos, segundo o mesmo autor, são “padrões referentes às maneiras pelas quais as pessoas preferem perceber e fazer julgamentos” (VIEIRA JUNIOR, 2012, p.1). Desta forma, Jung criou 8 tipos, alicerçados em duas formas genéricas de indivíduos: os extrovertidos e os introvertidos.

Evoluindo a partir das pesquisas sobre os tipos psicológicos de Jung, Briggs-Myers, Kirby e Myers (1998) desenvolveram, na década de 1940, o *Myers Briggs Type Indicator* (MBTI), um instrumento para avaliar os tipos de personalidade (COUTO; BARTHOLOMEU; MONTIEL, 2016). Trata-se de uma ferramenta constituída por:

... um questionário de múltipla escolha, aplicado no desenvolvimento organizacional, exploração de carreiras, treinamento gerencial, formação de equipes e desenvolvimento educacional – principalmente no que diz respeito à classificação dos estilos de aprendizagem (VIEIRA JUNIOR, 2012, p.1).

Este teste abarcou mais dois itens: julgamento e percepção em outra dimensão, o que resultou em 16 tipos psicológicos, dispostos nas categorias elencadas na Tabela 1:

Tabela 1: Tipos psicológicos e suas iniciais

Atitude	Introversão (I)	Extroversão (E)
Percepção	Sensação (S)	Intuição (I)
Julgamento	Pensamento (T)	Sentimento (F)
Estilo organização	Percepção (P)	Julgamento (J)

Fonte: Vieira Junior (2012)

Trata-se de uma forma prévia de reconhecer as características pessoais para, a partir deste ponto, compreender o processo de aprendizagem sob esta ótica.

Outro trabalho que também influenciou a construção do modelo defendido por Felder; Silverman (1988), foi o de Kolb (1984), dedicado a apontar as fragilidades e potencialidades dos aprendizes a partir de 4 habilidades: experiência concreta (EC), observação reflexiva (OR), conceituação abstrata (CA) e experimentação ativa (EA) (CERQUEIRA, 2008). Com uma percepção mais dinâmica do processo de aprendizagem, Kolb delimita a importância da experiência, reflexão e ação para a aprendizagem, através de 4 dimensões:

Tabela 2: Dimensões de Kolb

Experiência concreta	Marca o início do processo de aprendizagem quando o aluno se envolve em novas experiências.
Observação reflexiva	Neste estágio o aluno reflete sobre o novo conteúdo de acordo com suas possibilidades sob diferentes pontos de vista.
Conceituação abstrata	Aqui se utiliza lógica e racionalidade para compreender os problemas e conceituar teoricamente o conteúdo.
Experimentação ativa	Nesta fase o aprendiz aplica ativamente a teoria na resolução de problemas ou tomada de decisões.

Fonte: Vieira Junior (2012)

Baseando-se nestes trabalhos Felder; Silverman (1988) propuseram um modelo de 4 dimensões para avaliar o processo de ensino aprendizagem: Percepção (sensorial ou intuitiva); Entrada (visual ou verbal); Processamento (ativo ou reflexivo); Entendimento (sequencial ou global).

Desta forma o aluno se encaixaria em uma ou mais destas dimensões, que, explicaria características comportamentais do mesmo. Segundo Dias; Sauaia e Yoshizaki (2013), a dimensão sensorial-intuitivo define aqueles alunos que preferem lidar com fatos e dados, escolhendo a experimentação para este processo. A visual-verbal usa figuras, diagramas, fluxogramas, etc. como ferramenta para o aprendizado, preferindo que as informações sejam ditas ou escritas. A dimensão ativo-reflexivo é aquela relacionada ao apego pelas discussões e atividades sociais, refletindo amplamente sobre o tema. O sequencial-global remete à forma como o assunto é abordado, ou seja, se as explicações partem de um todo até suas partes ou se fazem o caminho contrário.

É preciso, no entanto, ter cuidado nas análises relacionadas ao estilo de aprendizagem, pois, estes não podem ser considerados estáticos. Ao longo de um curso e à medida que a idade avança, por exemplo, os estilos de aprendizagem podem ser alterar (ARAÚJO *et al.*, 2019).

2.2 Intenções Empreendedoras

As definições de empreendedorismo e empreendedor são várias e não há consenso – nem necessidade, acredita-se – sobre qual a mais correta definição para o fenômeno e para os sujeitos nele envolvidos. No entanto, em grande parte dos textos, o empreendedor é definido como aquele que organiza, opera e assume o risco de criar um novo negócio (BAUMOL; SCHILLING, 2018). Para o *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)*, entidade que desenvolve estudos sobre a atividade empreendedora em nível mundial, o empreendedorismo é “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente” (GEM, 2017, p. 109) sendo que essa iniciativa pode ser de um indivíduo, grupos de indivíduos ou empresas já estabelecidas.

Percebe-se, assim, que há uma associação do empreendedorismo à abertura de novos negócios. Há, contudo, autores que propõem uma abordagem mais

ampla do fenômeno empreendedor. Para Dolabela (2003), por exemplo, “é empreendedor em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”.

Assumindo-se essa concepção, seria empreendedor quem sonha em ter seu próprio negócio e consegue viabilizar seu sonho, mas também seria uma atitude empreendedora sonhar com um emprego público e estudar muito para ser aprovado em um concurso; desejar um futuro melhor para sua comunidade e criar uma ONG para transformá-la; imaginar novas formas de inovar em seu emprego, ensejando uma carreira vitoriosa e fazê-lo.

Independente das questões conceituais, fato é que o empreendedorismo, como tema de investigações científicas, tem crescido muito nos últimos anos (FRESE & GIELNIK, 2014; (CHANDRA, 2018). Devido à crescente relevância do tema, o empreendedorismo se tornou um campo de pesquisa dinâmico, com departamentos específicos em universidades, eventos acadêmicos e periódicos destinados exclusivamente às discussões sobre o tema (FRESE; GIELNIK, 2014).

Um dos temas emergentes nesse novo patamar que o fenômeno empreendedor assumiu é o estudo sobre intenções empreendedoras (LIÑÁN & FAYOLLE, 2015; PAÇO, FERREIRA, RAPOSO, RODRIGUES, & DINIS, 2013; SILVEIRA, FERREIRA, SILVENTE, & CARNEIRO DA CUNHA, 2017). A intencionalidade é um estado mental que direciona a atenção do indivíduo (posteriormente, sua experiência e ação) a um objeto específico (um objetivo) ou um caminho (os meios) que permita atingir algo (BIRD, 1988). As intenções afetam as escolhas do indivíduo assim como direcionam e sustentam determinados comportamentos (MORIANO *et al.*, 2012).

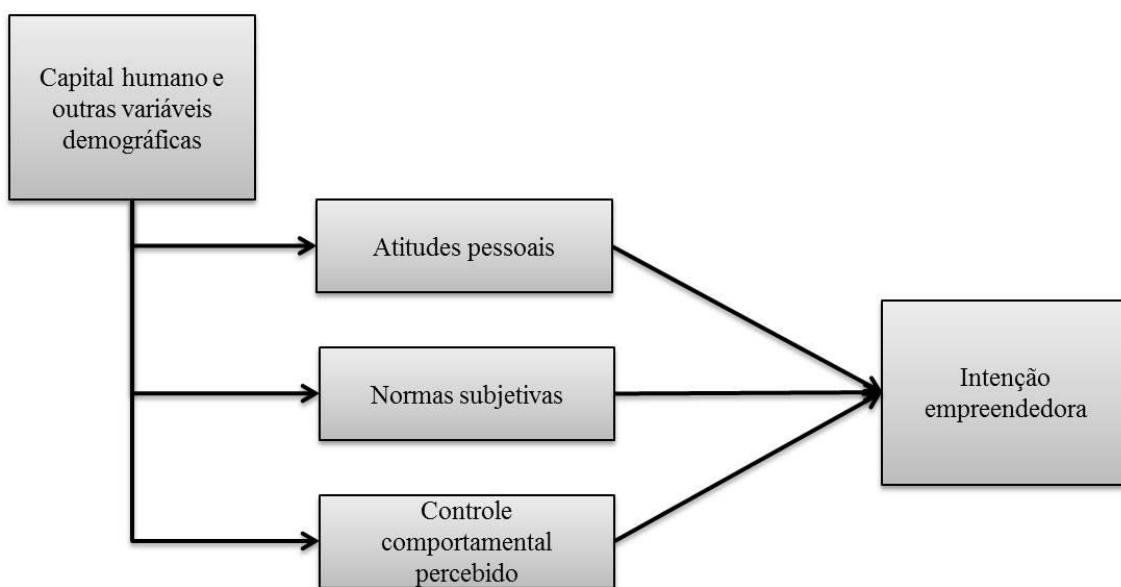
Coerentemente às concepções dominantes de empreendedorismo aqui apresentadas, a intenção empreendedora pode ser entendida como um estado consciente da mente que precede a ação de iniciar um novo empreendimento (KRUEGER; CARSRUD, 1993). Para Bird (1988), a intenção de empreender é o principal fator na criação de um empreendimento.

Tendo em vista essa importância e face a relevância que a atividade empreendedora assume no desenvolvimento econômico, apontada já em 1934 por Schumpeter (2017) vários estudos foram realizados visando compreender os processos que levam à formação da intenção empreendedora e diversos modelos teóricos e instrumentos metodológicos foram propostos com esse intuito (SHAPERO, 1984;

SHAPERO & SOKO, 1982; BIRD, 1988; KRUEGER & CARSRUD, 1993; LINÁN & CHEN, 2009; LINÁN, 2005).

O *framework* proposto por Linán e Chen (2009), derivado da Teoria do Comportamento Planejado (TCP, ou *Theory of Planned Behaviour* – TPB) de Ajzen (1991) e empregado na presente investigação, tem sido utilizado em uma série de investigações (PAÇO, FERREIRA, RAPOSO, RODRIGUES, & DINIS, 2011; FERREIRA, RAPOSO, RODRIGUES, DINIS, & DO PAÇO, 2012; SOLESVIK, 2013). Em seu Modelo de Intenção Empreendedora (MIE), os autores estabelecem que as intenções empreendedoras são influenciadas, basicamente, por 3 construtos principais: as atitudes pessoais; normas subjetivas e controle comportamental percebido. Estes, por sua vez, estão sujeitos às influências do capital humano e outras variáveis demográficas (Figura 1).

Figura 1 – Modelo de intenção empreendedora.



Fonte: Adaptado de Linán e Chen (2009, p. 597, tradução dos autores).

O que se percebe no modelo de Linán e Chen (2009), e que é comum a outros *frameworks* estabelecidos, é que tanto as características internas do indivíduo quanto aquelas que se encontram em seu contexto têm impacto – direto ou indireto – na intenção empreendedora. Desta forma, a intenção de aventurar-se e gerar um novo negócio é influenciada pela sua atitude pessoal em relação ao assunto, a partir de considerações tanto avaliativas quanto afetivas sobre o tema. Além da postura, a intenção

em empreender também é afetada pelas normas subjetivas, ou seja, a pressão social enfrentada pelo sujeito que decide seguir tal caminho, a aprovação advinda de outros indivíduos considerados referência em tal meio. Por fim, a intenção também é afetada pelo controle comportamental percebido, ou seja, a percepção que existe sobre o processo (facilidades, dificuldades e viabilidade). Contudo, é preciso reconhecer que estas três dimensões são influenciadas por outras externas como o capital humano e variáveis demográficas, como cultura, a educação, renda, idade, etc.

Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada como exploratória, de abordagem quantitativa. Foram aplicados questionários a 36 alunos que estão cursando a disciplina Empreendedorismo do curso Técnico em Administração. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética; Parecer 3.675.339.

A construção do instrumento de coleta de dados foi baseada nos trabalhos de Liñán e Chen (2009) para a parte sobre intenção empreendedora e Felder; Silverman (1988) para a parte sobre a análise dos estilos de aprendizagem.

Conforme já destacado, Liñán e Chen (2009) propõem uma ferramenta de avaliação de intenções empreendedoras, denominada *Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)*, testado em trabalho de investigação *cross-cultural* (amostras selecionadas na Tailândia e Espanha), que permitiu validar o Modelo de Intenção Empreendedora estabelecido por eles. Os resultados obtidos confirmaram que o processo cognitivo de formação das intenções empreendedoras (IE) é essencialmente similar em culturas diferentes, sendo sempre influenciadas pelos antecedentes atitudes pessoais (AT), normas subjetivas (NS) e controle comportamental percebido (CC).

No EIQ, a percepção dos respondentes em relação às proposições relacionadas a cada um dos construtos antecedentes e ao construto principal (intenção empreendedora) foi mensurada por meio de Escala Tipo Likert de 7 pontos, variando de discordo totalmente (valor atribuído de 1) a concordo totalmente (valor 7).

Os dados foram tratados com estatísticas não paramétricas, além de análises descritivas. Para isso, foi usado o software SPSS versão 17.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*), além do excel.

Resultados

A aplicação dos questionários permite delimitar uma amostra que é constituída por 26 mulheres (72,2%) e 10 homens (27,8%); estando entre os 17 (38,9%); 18 (44,4%) e 19 anos (13,9%). Uma parte destes (52,8%) declarou possuir renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos. Em relação à possibilidade de trabalhar na área técnica e continuar estudando depois da formação no ensino médio, 52,8% afirmou não pretender trabalhar, contudo, 97,2% pretende continuar seus estudos.

Sobre o curso escolhido, 5 alunos não se manifestaram nas respostas, um declarou abertamente que não sabia sua escolha. O curso de Direito foi o mais mencionado (13,8%); Psicologia (8,3%); ficando Medicina, Arquitetura, Economia, Administração e Fisioterapia; com 5,55% cada um.

3.1 Estilos de Aprendizagem: O que a análise da turma revela?

Pode-se afirmar que, uma verificação nos dados permite apontar características importantes sobre o estilo de aprendizagem dos 36 alunos observados. Nesta amostra, em relação à dimensão “processamento”, 61,1% dos alunos podem ser considerados reflexivos e 38,9% ativos. Daqueles considerados como mais voltados à aprendizagem ativa, 22,2% podem ser considerados levemente ativos e outros 11,1; ativos moderados. Os estudantes que apresentaram scores que os classificavam como reflexivos; 22,2% são da categoria leve e outros 25% podem ser compreendidos como reflexivos moderados.

Dos 36 pesquisados; para a dimensão percepção; 80,6% são sensoriais (38,9% fortes sensoriais e 25% sensoriais moderados); sendo 22,2% intuitivos (destes 11,1% intuitivos leves e 5,6% intuitivos fortes). Na dimensão entrada, cerca de 61,1% são visuais (destes 38,9% de forma leve); 38,9% verbal (destes 22,2% verbal leve); 52,8% prefere aprender de forma global (destes 33,3% leve e 13,9% moderado); e 47,2% prefere aprender de forma sequencial (destes 22,2% moderado e 13,9% forte); ambos para dimensão entendimento.

Desta forma, pode ser afirmar que a maioria dos alunos prefere uma aprendizagem com processamento mais reflexivo, com uma percepção sensorial, uma entrada visual e com uma abordagem de entendimento global. Segundo Vieira Júnior e Colvara (2006, p. 1244) os alunos que tem processamento ativo “apreciam fatos, dados,

experimentos, métodos padrões, tem facilidade para memorização e preferem abstrair informações pelos seus sentidos (vendo, ouvindo, tocando, etc.)”. A percepção sensorial está relacionada a “apreciar fatos, dados, experimentos, métodos padrões, tem facilidade para memorização e preferem abstrair informações pelos seus sentidos (vendo, ouvindo, tocando, etc.)”. Os alunos com entrada visual “assimilam mais o que veem (figuras, gravuras, diagramas, fluxogramas, filmes, etc.)” e o entendimento global está relacionado a “aprender em grandes saltos, sintetizam o conhecimento e podem não ser capaz de explicar como chegaram às soluções”.

3.2 Intenção Empreendedora: qual o efeito das atitudes, normas e comportamentos?

Uma análise das frequências das variáveis que compõem o questionário permite afirmar que a que apresenta o maior nível de concordância na amostra é a CC6 (“Se eu tentasse começar uma empresa, gostaria de ter alta probabilidade de sucesso”); e a com menor média é a IE2 (“Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor”); o que pode ser constatado na Tabela 3.

Tabela3: Análise descritiva das variáveis relacionadas à intenção empreendedora

Variável	Média	Desvio Padrão
AT1- Ser empreendedor implica em mais vantagens que desvantagens.	5,27	1,16
AT2 - Uma carreira como empreendedor é atraente.	5,27	1,25
AT3 - Se tivesse oportunidade e recursos, gostaria de começar um empreendimento.	5,19	1,83
AT4 - Ser um empreendedor me daria uma grande satisfação	5,00	1,70
AT5 - Entre várias opções, eu preferiria ser um empreendedor.	3,86	1,83
Se você decidisse criar uma empresa, quem aprovaria sua decisão?		
NS1 - Familiares	5,58	1,42
NS2 - Amigos	5,72	0,90
NS3 – Colegas	4,91	1,25

CC1 - Iniciar uma empresa e mantê-la em funcionamento seria fácil para mim	3,91	1,40
CC2 - Estou preparado (a) para iniciar uma empresa viável	3,11	1,50
CC3 - Posso controlar o processo de criação de uma nova empresa	3,22	1,51
CC4 - Conheço os processos necessários para iniciar uma empresa	3,94	2,01
CC5 - Sei como desenvolver um projeto empresarial	4,05	1,80
CC6 - Se eu tentasse começar uma empresa, gostaria de ter uma alta probabilidade de sucesso.	6,44	0,87
IE1 - Estou apto a fazer qualquer coisa para ser um empreendedor	3,47	1,50
IE2- Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor	2,72	1,70
IE3 - Não medirei esforços para iniciar e gerir minha própria empresa	3,00	1,89
IE4 - Estou determinado (a) a criar uma empresa no futuro	3,25	2,04
IE5 - Penso seriamente em começar uma empresa	3,16	1,94
IE6 - Tenho intenção de iniciar um negócio algum dia	4,44	1,90

Fonte: Dados da pesquisa

É possível também afirmar que as variáveis CC4 (“Conheço os processos necessários para iniciar uma empresa”); e IE4 (“Estou determinado a criar uma empresa no futuro”); apresentaram os maiores desvios padrão (2,01 e 2,04 respectivamente). Isso indica que, nestas variáveis houve uma maior dispersão das respostas em relação à média. Estas informações permitem uma visualização mais ampla das respostas dos alunos e corroboram com as análises posteriores.

Para compreender a dinâmica do modelo de Liñan e Chen (2009) para a turma analisada, avaliando um pouco do efeito das variáveis dos construtos em relação à intenção empreendedora, foi feita uma correlação entre os mesmos. A análise demonstra que somente o constructo Atitudes Pessoais (AT) e Intenção Empreendedora (IE) apresentaram uma correlação positiva e significante para a amostra, conforme observado na Tabela 4.

Tabela 4: Correlação entre Atitude e Intenção Empreendedora

			AT total	Intenção total
Spearman's rho	AT total	Correlation Coefficient	1,000	,651**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	36	36
	Intenção total	Correlation Coefficient	,651**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	36	36

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se afirmar, portanto, para esta turma, o constructo Atitude Pessoal pode sinalizar uma importante informação que auxiliará o docente em seu planejamento. Desta forma, o aumento nas percepções positivas relacionadas à atitude empreendedora aumenta a intenção de empreender. Para a turma analisada, há uma correlação positiva entre a variável AT2 e IE5 (Coef. 0,580; Sig. 0,000) e a variável IE6 (Coef. 0,514 e Sig. 0,001). A variável AT3 também se correlaciona positivamente com IE4 (Coef. 0,561; Sig. 0,00); IE5 (Coef. 0,629; Sig. 0,00) e IE6 (Coef. 0,660; Sig. 0,000). O mesmo ocorre com AT4 e IE2 (Coef. 0,500; Sig. 0,002); IE4 (Coef. 0,536; Sig. 0,001); IE5 (Coef. 0,668; Sig. 0,000) e IE6 (Coef. 0,658; Sig. 0,000). A variável AT5 correlaciona-se positivamente com a IE2 (Coef. 0,683; Sig. 0,000); IE4 (0,662) e IE5 (0,633); ambas com 0,000 de significância estatística. Todas as constatações podem ser observadas no Apêndice 1 ao final deste trabalho.

Em relação às variáveis que formam o constructo Normas Subjetivas, não houve correlação significante para a amostra analisada. Isso indica que este não representa um fator relacionado à intenção de empreender, pelo menos neste momento do curso. Os dados podem ser observados na Tabela 5.

Tabela 5: Correlação entre as normas subjetivas e a intenção empreendedora

			intenção total	norma total
Spearman's rho	intenção total	Correlation Coefficient	1,000	,100
		Sig. (2-tailed)	.	,563
		N	36	36
	norma total	Correlation Coefficient	,100	1,000
		Sig. (2-tailed)	,563	.
		N	36	36

Fonte: Dados da pesquisa

Já o Controle Comportamental Percebido, ou seja, as variáveis que compõem este constructo apresentam pouca influência sobre a Intenção Empreendedora, conforme Tabela 6.

Tabela 6: Correlação entre Controle Comportamental Percebido e Intenção Empreendedora

			controle total	intenção total
Spearman's rho	controle total	Correlation Coefficient	1,000	,383*
		Sig. (2-tailed)	.	,021
		N	36	36
	intenção total	Correlation Coefficient	,383*	1,000
		Sig. (2-tailed)	,021	.
		N	36	36

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se afirmar, de forma geral, que a percepção que os 36 alunos pesquisados têm sobre o empreendedorismo e a figura do empreendedor pode ser tida como uma das dimensões que influenciam positivamente sua intenção em empreender.

As correlações analisadas, separadamente indicam que a variável AT4 (“Ser um empreendedor me daria uma grande satisfação”) é aquela que apresenta o maior número de correlações positivas com as variáveis sobre intenção empreendedora (4 das 5 que constam no questionário); o que demonstra como estes jovens encaram o tema. As variáveis AT3 (“Se eu tivesse oportunidade e recursos, gostaria de começar um empreendimento”) e AT5 (“Entre várias opções eu preferiria ser um empreendedor”) também estão correlacionadas positivamente com 3 das 5 variáveis sobre intenção empreendedora (IE2; IE5; IE6 e IE2; IE4 e IE5, respectivamente); o que revela que estes alunos tem uma percepção positiva sobre o empreendedorismo e isso os encoraja a pensar nesta possibilidade para o futuro.

Ao mesmo tempo, ainda não se percebe a família, os amigos e colegas; bem como as crenças em sua própria capacidade de executar determinadas tarefas como estimulantes significativos do processo de empreender. Esta constatação pode ser fruto da pouca idade e experiência dos respondentes, relevando também alguns pontos a serem tratados em uma perspectiva educacional.

3.3 Estilos de Aprendizagem e Intenção Empreendedora: há correlação?

Para compreender um pouco mais sobre a percepção da turma em relação às dimensões empreendedoras, tendo em vista o estilo de aprendizagem encontrado, a Tabela 7 foi construída. Nesta, são demonstrados a quantidade de alunos por estilo de aprendizagem e as pontuações médias que estes alcançaram na escala likert de 7 pontos, variando de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (7), usada para o modelo de intenção empreendedora.

Tabela 7: Estilo de aprendizagem x intenção empreendedora

Dimensão	Polo	(n)	(%)	At. pessoais (média)	Normas subjetivas (média)	Controle comp. percebido (média)	Inten.Emp (média)
Percepção	Sens.	28	77,7	5,1	5,5	4,1	3,5
	Intuit.	7	19,3	4,3	4,8	4,2	3,0
Total de alunos		35					
Entrada	Visual	22	61,1	5,0	5,3	4,1	3,1

	Verbal	14	38,9	4,9	5,5	4,2	3,8
Total de alunos		36					
Processamento	Ativo	14	38,9	4,7	5,8	4,2	3,4
	Reflex.	22	61,1	5,0	5,2	4,0	3,3
Total de alunos		36					
Entendimento	Sequen.	17	47,2	5,0	5,6	4,2	3,7
	Global	19	52,8	4,8	5,3	4,1	3,1
Total de alunos		36					

Obs: Em relação à percepção, um respondente não completou uma questão, o que impossibilitou seu cálculo para essa dimensão.

Fonte: dados da pesquisa

Observando-se os dados, é possível comprovar que a maioria dos alunos da turma são sensoriais, visuais, reflexivos e de sequência global. Também é possível afirmar que em relação à dimensão atitudes pessoais, os sensoriais apresentam a maior média e os intuitivos a menor. Isso revela que os alunos que aprendem através da perspicácia discordam um pouco mais (em termos médios) sobre a sua atitude em relação ao empreendedorismo.

Sobre as normas subjetivas, ou seja, a pressão social para exercer o empreendedorismo, a menor média também ficou com os alunos intuitivos e a maior com os ativos (5,8). Os reflexivos apresentaram a menor média para o controle comportamental. É importante ressaltar que esta dimensão ficou avaliada equilibradamente.

Sobre a intenção empreendedora, é possível afirmar que a menor avaliação também é dos intuitivos (3,0) e a maior dos verbais (3,8). Desta forma, os dados apontam que os alunos intuitivos parecem ter uma maior dificuldade em reconhecer o empreendedorismo como uma possibilidade, talvez devido às grandes incertezas que rondam esta decisão. É possível também afirmar que, família, amigos e colegas pesam mais em sua influência (sobre as decisões de empreender); para os alunos sequenciais. Outro ponto importante é que os alunos verbais parecem estar mais dispostos a empreender.

Todas as informações acima relatadas permitem uma visão generalizada de como as intenções empreendedoras são delimitadas segundo o estilo de aprendizagem. Contudo, é preciso ressaltar que, o aluno intuitivo possui essa característica na percepção

das informações, ou seja, em apenas uma etapa do aprendizado. Portanto, o aluno que é intuitivo pode ser verbal ou visual, sequencial ou global, ativo ou reflexivo, o que implica compreender a aprendizagem que pode incentivar o empreendedorismo como um processo complexo.

A partir do momento em que foram delineadas as características relacionadas à aprendizagem e às intenções empreendedoras dos alunos da amostra; foi realizada uma análise de correlação para identificar se algum estilo em específico relacionava-se a alguma variável ou ao constructo da intenção empreendedora.

A análise dos dados permite afirmar que não há correlação significativa entre o estilo de aprendizagem do aluno e sua intenção de empreender; o que pode ser constatado no Apêndice 2 deste trabalho.

No entanto, a análise pontual de cada variável permitiu duas observações importantes: uma correlação positiva entre os alunos sequenciais e a variável ATI (Coef. 0,361 com Sig. 0,01). Isso indica que à medida que o aluno apresenta a característica de estilo sequencial mais forte, há um aumento em sua percepção (concordância) sobre a variável AT1 (“Ser empreendedor implica em mais vantagens que desvantagens”). Ao mesmo tempo, a variável global apresentou correlação negativa com a mesma AT1 (Coef. -0,363 Sig. 0,01); o que indica que quanto mais o aluno declara-se como adepto a um estilo global de aprendizagem, mais negativa fica sua percepção sobre as vantagens e desvantagens de ser empreendedor.

É importante ressaltar que a variável AT1 não apresentou nenhuma correlação significante com nenhuma variável relacionada à intenção empreendedora; mas pode representar um ponto importante em todo o processo de aprendizagem. Os alunos sequenciais (que não representam a maioria da amostra) parecem apresentar uma melhor compreensão sobre as vantagens e desvantagens de tornar-se um empreendedor; o que pode ser explicado por sua capacidade de encadeamento de ideias. “Os sequenciais aprendem melhor quando o material é apresentado de maneira encadeada numa progressão de dificuldade e complexidade” (DIAS, SAUAIA, & YOSHIZAKI, 2013)

4 Discussão

O reconhecimento dos estilos de aprendizagem e suas associações com temas tratados em sala de aula devem ser tomados como um ponto de partida para uma estratégia didática. A educação empreendedora, por exemplo, pode melhorar as intenções e

comportamentos sobre empreender (RAUCH; HULSINK, 2015). Ressalta-se, portanto, a importância do diagnóstico prévio em relação aos estilos de aprendizagem dos alunos (ARAÚJO *et al.*, 2019).

Desta forma, o diagnóstico inicial da turma analisada demonstra um grupo de 36 alunos que podem ser majoritariamente compreendidos como visuais, de percepção sensorial e entendimento global a partir de um processo reflexivo. Estes alunos parecem concordar mais com a importância do sucesso para um empreendimento, o reconhecendo como um caminho, contudo, os desvios nas respostas indica uma lacuna nos conhecimentos relacionados ao processo de iniciar um empreendimento.

Estes alunos apresentam avaliações médias próximas para as dimensões sobre empreendedorismo (conforme Tabela 7). No entanto, os sensitivos, os visuais e os sequenciais parecem concordar um pouco mais (em termos médios) com as afirmativas sobre atitudes pessoais. As maiores concordâncias médias em relação às normas subjetivas advém dos alunos ativos, sequenciais e sensitivos. A dimensão relacionada ao controle comportamental percebido apresenta-se bem equilibrada nos diferentes estilos. Já a intenção em empreender apresentou as menores médias (de 3,0 a 3,7). É importante ressaltar que, nesse ponto, sequenciais e verbais apresentaram maior concordância média (3,7 e 3,8).

Em uma primeira análise, para a turma estudada, a dimensão atitudes pessoais foi aquela que apresentou correlação mais forte com a intenção empreendedora. Da mesma forma, os dados permitem afirmar que, na dimensão atitudes pessoais, a percepção das vantagens e desvantagens em empreender parece representar um ponto essencial para o planejamento didático. Parece haver, na turma, uma relação entre a dimensão entendimento e a atitude relacionada à percepção dos benefícios da atividade empreendedora.

Piperopoulos & Dimov (2015) demonstram em seu trabalho que, em cursos de orientação prática, uma maior autoeficácia (crença em suas próprias habilidades) está associada a maiores índices de intenção empreendedora. Portanto, através do processo educativo é preciso fortalecer as outras dimensões que levam à intenção em empreender: as normas subjetivas e o controle comportamental percebido.

“A educação e o treinamento devem se concentrar na mudança de atitudes pessoais com o uso do conhecimento de propriedade, pois pode dar um efeito mais significativo ao processo de criação de negócios e superar muitos obstáculos” (Buana, Hidayat, Prayogi, & Vendy, 2017, p. 72). Desta forma, os educadores precisam manter

o foco no fortalecimento da intenção dos alunos em desenvolver comportamentos empreendedores (LIÑÁN, 2004).

Conclusões

O objetivo desta pesquisa foi identificar se há correlação entre o estilo de aprendizagem, e a intenção em empreender entre os alunos de um curso técnico em Administração. A ferramenta para coleta de dados foi construída utilizando-se como base o modelo de Felder; Silverman (1988) para os estilos de aprendizagem e o de Liñan e Chen (2009); para a intenção empreendedora.

Os dados coletados com 36 alunos permitem identificar uma turma que é mais ativa, sensorial, visual e global quando o assunto é aprendizagem, ou seja, estes alunos aprendem de forma mais eficiente vendo; apreciando dados, experimentandoativamente e observando o conteúdo do amplo para o restrito. Essas constatações apontam um aluno mais voltado para a prática e assimilação de conteúdos que partem do total, em saltos, para posterior entendimento das causas e variáveis envolvidas.

Em relação aos constructos relacionados ao empreendedorismo é importante destacar que este aluno apresenta uma intenção de empreender baseada na percepção que ele tem sobre o tema (o que influencia sua atitude). Há uma correlação positiva entre variáveis relacionadas a esta compreensão e a intenção de tornar-se um empreendedor. Ao mesmo tempo, as outras dimensões do modelo: Normas Subjetivas (representando o apoio de familiares e amigos) e Controle de Comportamento (ou seja, como estes alunos percebem sua preparação para este processo); não exercem influência sobre a vontade de empreender.

Concomitantemente, não há correlação significativa entre o estilo de aprendizagem e a intenção empreendedora; o que indica que este pode não ser o um ponto chave para a educação neste tema. Porém, algumas observações pontuais precisam ser delimitadas: os alunos sequenciais (aqueles que possuem entendimento linear, por etapas sequenciais) apresentaram correlação positiva com a variável AT1. Ao mesmo tempo, o outro extremo do estilo de aprendizagem (global) apresentou correlação negativa com a mesma variável. Isso significa que os alunos com entendimento global (a maioria) apresentam uma tendência a perceber menos as vantagens e desvantagens de ser empreendedor.

De forma geral este trabalho permite sugerir:

1- Atenção ao constructo relacionado ao Controle de Comportamento Percebido (uma vez que eles representam de forma mais efetiva o que é transmitido em sala de aula); ou seja, a construção de uma percepção sobre a capacidade de empreender; uma vez que essa percepção das vantagens e desvantagens em empreender parece ser um ponto de inflexão.

2 – Atenção ao constructo relacionado à atitude pessoal (pois esta influencia a intenção de empreender na amostra analisada)

3 - Atenção aos estilos de aprendizagem, na tentativa de adequar metodologias às características da maioria dos alunos; trabalhando estes constructos a partir da identificação e caracterização dos mesmos, com o objetivo de fortalecer a intenção empreendedora, especialmente com os alunos intuitivos.

Limitações e Sugestões para futuras pesquisas

Uma das limitações deste trabalho é sua aplicação em apenas uma turma do curso técnico em administração e em apenas uma organização de ensino. Portanto, sugere-se que este questionário seja replicado em outras turmas de cursos técnicos que tenham a disciplina empreendedorismo em sua matriz curricular, em outras entidades de ensino, trazendo características de outros alunos para o debate.

Referências

AJZEN, Icek. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, [S. l.], v. 50, n. 2, p. 179–211, 1991. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)

ARAÚJO, Roanjali Auxiliadora Gonçalves Salviano *et al.* Relação entre estilos de aprendizagem e características dos estudantes de ciências contábeis: Uma investigação a partir do modelo de Felder & Silverman (1988). **Revista Mineira de Contabilidade**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 59–72, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21714/2446-9114rmc2019v20net05>

BAE, Tae Jun *et al.* The Relationship Between Entrepreneurship Education and Entrepreneurial Intentions: A Meta-Analytic Review. **Entrepreneurship: Theory and Practice**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 217–254, 2014. Disponível em:

<https://doi.org/10.1111/etap.12095>

BAUMOL, W. J.; SCHILLING, M. A. Entrepreneurship. In: **The New Palgrave Dictionary of Economics**. 3. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan UK, 2018. p. 3440–3446. *E-book*. Disponível em: https://doi.org/10.1057/978-1-349-95189-5_546

BIRD, Barbara. Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. **The Academy of Management Review**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 442, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/258091>

BUANA, Yud *et al.* The Effect of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Intention of University Students by Adopting Linan Model. **Binus Business Review**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 67, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21512/bbr.v8i1.1958>

BULI, Bereket Mamo; YESUF, Wasihun Mohammed. Determinants of entrepreneurial intentions. **Education + Training**, [S. l.], v. 57, n. 8/9, p. 891–907, 2015.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. Estilos de aprendizagem de Kolb e sua importância na educação. **Learning Styles Review**, [S. l.], v. 1, n. 1993, p. 109–123, 2008.

CHANDRA, Yanto. Mapping the evolution of entrepreneurship as a field of research (1990–2013): A scientometric analysis. **PLoS ONE**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1–24, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0190228>

COSTA, Teresa Gomes da; MARES, Pedro. Factors affecting students' entrepreneurial intentions of Polytechnic Institute of Setubal: a cognitive approach. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 102–117, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.13059/racef.v7i1.175>

COUTO, Gleiber; BARTHOLOMEU, Daniel; MONTIEL, José Maria. Estrutura interna do Myers Briggs Type Indicator (MBTI): Evidência de validade. **Avaliacao Psicologica**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 41–48, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1501.05>

DIAS, George Paulus Pereira; SAUAIA, Antonio Carlos Aidar; YOSHIZAKI, Hugo Tsugunobu Yoshida. Estilos de aprendizagem Felder-Silverman e o aprendizado com jogos de empresa. **Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 53, n. 5, p. 469–484, 2013 a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-75902013000500005>

DIAS, George Paulus Pereira; SAUAIA, Antônio Carlos Aidar; YOSHIZAKI, Hugo Tsugunobu Yoshida. ESTILOS DE APRENDIZAGEM FELDER- SILVERMAN E O APRENDIZADO COM JOGOS DE EMPRESA. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 53, n. 5, p. 469–484, 2013 b.

DO PACÔ, Arminda M. Finisterra *et al.* Behaviours and entrepreneurial intention: Empirical findings about secondary students. **Journal of International Entrepreneurship**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 20–38, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10843-010-0071-9>

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003. *E-book*.

FELDER, Richard; SILVERMAN, Linda. Learning and Teaching Styles in Engineering Education. **Engineering Education**, [S. l.], v. 78, n. 7, p. 674–681, 1988.

FERREIRA, João J. *et al.* A model of entrepreneurial intention: An application of the psychological and behavioral approaches. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 424–440, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/14626001211250144>

FRESE, Michael; GIELNIK, Michael M. The Psychology of Entrepreneurship. **Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 413–438, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-031413-091326>

GANTT, Walter N. Language and Learning Styles of the "Educationally Disadvantaged". **The Elementary School Journal**, [S. l.], v. 73, n. 3, p. 138–142, 1972.

GEM. Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2017Sebrae. [S. l.: s. n.]. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal/Sebrae/Anexos/Relatório Executivo BRASIL_web.pdf.

GHAEDI, Zahra; JAM, Bashir. Relationship between learning styles and motivation for higher education in EFL students. **Theory and Practice in Language Studies**, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 1232–1237, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4304/tpls.4.6.1232-1237>

KOLB, David A. **Experiential Learning: Experience as The Source of Learning and Development**. New Jersey: Prentice-Hall, 1984. *E-book*. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/B978-0-7506-7223-8.50017-4>

KRUEGER, Norris F.; CARSRUD, Alan L. Entrepreneurial intentions: Applying the theory of planned behaviour. **Entrepreneurship and Regional Development**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 315–330, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08985629300000020>

KURI, Nídia Pavan. **Tipos de personalidade e estilos de aprendizagem: proposições para o ensino de engenharia**. 2004. - Universidade Federal de São Carlos, [s. l.], 2004.

LIÑÁN, Francisco. Intention-based models of entrepreneurship education. **Piccola Impresa / Small Business**, [S. l.], v. 2004, n. 3, p. 11–35, 2004.

LIÑÁN, Francisco. Development and Validation of an Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ). In: 2005, Guildford, UK. **INTERNATIONALIZING ENTREPRENEURSHIP EDUCATION AND TRAINING CONFERENCE**. Guildford, UK: [s. n.], 2005. p. 1–14. Disponível em: http://www.intent-conference.com/structure_default/ePilot40.asp?G=621&A=1

LIÑÁN, Francisco; CHEN, Ti-Wen. Development and Cross-cultural Application of a Specific Instrument to measure Entrepreneurial Intentions. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, [S. l.], v. 33, n. 593–617, p. 35–39, 2009.

LIÑÁN, Francisco; FAYOLLE, Alain. A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. **International Entrepreneurship and Management Journal**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 907–933, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11365-015-0356-5>

LIÑÁN, Francisco; URBANO, David; GUERRERO, Maribel. Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain. **Entrepreneurship and Regional Development**, [S. l.], v. 23, n. 3–4, p. 187–215, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08985620903233929>

MORIANO, Juan A. et al. A Cross-Cultural Approach to Understanding Entrepreneurial Intention. **Journal of Career Development**, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 162–185, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0894845310384481>

PAÇO, Arminda do et al. Entrepreneurial intentions: is education enough? **International Entrepreneurship and Management Journal**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 57–75, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11365-013-0280-5>

PIPEROPOULOS, Panagiotis; DIMOV, Dimo. Burst Bubbles or Build Steam? Entrepreneurship Education, Entrepreneurial Self-Efficacy, and Entrepreneurial Intentions. **Journal of Small Business Management**, [S. l.], v. 53, n. 4, p. 970–985, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jsbm.12116>

RAUCH, Andreas; HULSINK, Willem. An Investigation into the impact of entrepreneurship education on entrepreneurial behaviour. **Academy of Management Learning & Education**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 131–149, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2016.03.003>

SCHNITMAN, Ivana Maria. O perfil do aluno virtual e as teorias de estilos de aprendizagem. In: 2010, Pernambuco. **3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem**. Pernambuco: [s. n.], 2010. p. 1–10.

SCHUMPETER, Joseph A. **Theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle**. Abingdon, UK: Routledge, 2017. v. 3E-book. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1812657>

SHAPERO, A. The entrepreneurial event. In: KENT, C. A. (org.). **The environment for entrepreneurship**. Lexington: Lexington Books, 1984. E-book. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/104225879401800403>

SHAPERO, A.; SOKO, L. The social dimensions of entrepreneurship. In: CALVIN, A. K.; DONALD, L. S.; KARL, H. V. (org.). **Encyclopedia of Entrepreneurship**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982. p. 72–90. E-book.

SILVEIRA, Amelia *et al.* Factors and Approaches of Entrepreneurial Intention. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 263–290, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14211/regepe.v6i2.532>

SOLESVIK, Marina Z. Entrepreneurial motivations and intentions: Investigating the role of education major. **Education and Training**, [S. l.], v. 55, n. 3, p. 253–271, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00400911311309314>

TALLMADGE, G. Kasten; SHEARER, James W. Relationships among learning styles, instructional methods, and the nature of learning experiences. **Journal of Educational Psychology**, [S. l.], v. 60, n. 3, p. 222–230, 1969. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0027623>

VIEIRA JUNIOR, Niltom. **Planejamento de um ambiente virtual de aprendizagem baseado em interfaces dinâmicas e uma aplicação ao estudo de potência elétrica.** 2012. - Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2012.

Apêndice 1: Tabela de correlação entre as variáveis relacionadas à atitude pessoal e a intenção empreendedora

		IE1	IE2	IE3	IE4	IE5	IE6	
Spearman's rho	AT1	Correlation Coefficient	,191	,006	,012	,107	,208	,148
		Sig. (2-tailed)	,263	,974	,944	,536	,224	,391
		N	36	36	36	36	36	36
	AT2	Correlation Coefficient	,192	,355*	,390*	,386*	,580**	,514**
		Sig. (2-tailed)	,262	,034	,019	,020	,000	,001
		N	36	36	36	36	36	36
	AT3	Correlation Coefficient	,230	,266	,469**	,561**	,629**	,660**
		Sig. (2-tailed)	,178	,118	,004	,000	,000	,000
		N	36	36	36	36	36	36
	AT4	Correlation Coefficient	,238	,500**	,458**	,536**	,668**	,658**
		Sig. (2-tailed)	,163	,002	,005	,001	,000	,000
		N	36	36	36	36	36	36
	AT5	Correlation Coefficient	,364*	,683**	,530**	,662**	,633**	,507**
		Sig. (2-tailed)	,029	,000	,001	,000	,000	,002
		N	36	36	36	36	36	36

Fonte: Dados da pesquisa

Apêndice 2: Tabela de correlação entre os estilos de aprendizagem e a intenção empreendedora

		ATI	REF	Sen	Int	Vis	Verb	Seq	global	intenção total
Spearman's ATI rho	Correlation Coefficient	1,000	-,857**	,196	,008	,045	,084	,085	,002	-,006
	Sig. (2-tailed)	.	,000	,252	,961	,793	,625	,624	,991	,973
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
REF	Correlation Coefficient	-,857**	1,000	-,312	,056	,129	-,162	-,167	,034	-,056
	Sig. (2-tailed)	,000	.	,064	,746	,453	,344	,330	,844	,744
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
Sen	Correlation Coefficient	,196	-,312	1,000	-,689**	,170	-,314	-,169	,250	,081
	Sig. (2-tailed)	,252	,064	.	,000	,322	,062	,325	,141	,640
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
Int	Correlation Coefficient	,008	,056	-,689**	1,000	-,062	,258	-,037	-,017	-,133
	Sig. (2-tailed)	,961	,746	,000	.	,719	,128	,830	,922	,439
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
Vis	Correlation Coefficient	,045	,129	,170	-,062	1,000	-,872**	-,371*	,268	-,157
	Sig. (2-tailed)	,793	,453	,322	,719	.	,000	,026	,114	,360
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
Verb	Correlation Coefficient	,084	-,162	-,314	,258	-,872**	1,000	,364*	-,294	,162
	Sig. (2-tailed)	,625	,344	,062	,128	,000	.	,029	,082	,345
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
Seq	Correlation Coefficient	,085	-,167	-,169	-,037	-,371*	,364*	1,000	-,883**	,221
	Sig. (2-tailed)	,624	,330	,325	,830	,026	,029	.	,000	,195
	N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
global	Correlation Coefficient	,002	,034	,250	-,017	,268	-,294	-,883**	1,000	-,076

Sig. (2-tailed)	,991	,844	,141	,922	,114	,082	,000	.	,661
N	36	36	36	36	36	36	36	36	36
intenção	Correlation	-,006	-,056	,081	-,133	-,157	,162	,221	-,076
total	Coefficient								1,000
Sig. (2-tailed)	,973	,744	,640	,439	,360	,345	,195	,661	.
N	36	36	36	36	36	36	36	36	36

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Dados da pesquisa

**Recebido em agosto de 2020.
Aprovado em novembro de 2020.**